

A FILOLOGIA ROMANICA NO BRASIL

ANTENOR NASCENTES

Datando de pouco tempo o ensino da filologia romanica no Brasil, muito pouco ha que dizer sobre ele.

Começou em São Paulo, quando os beneditinos fundaram a Faculdade de Letras *Sedes Sapientiae*.

Depois, em 1934, foi fundada a Universidade de São Paulo, com sua Faculdade de Letras.

Segue-se a Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, criada pelo decreto n.º 5513, de 4 de Abril de 1938.

Em seguida vem a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, criada pelo decreto-lei n.º 1190, de 4 de Abril de 1939.

Hoje ha setenta e tantas Faculdades de Filosofia.

Se cada uma delas conta com um romanista, o Brasil terá nada menos de setenta e tantos romanistas. . .

A inexistencia de estabelecimentos em que se ensinasse a filologia romanica não era causa que impedisse o estudo dela e o seu conhecimento por parte dos nossos filologos.

Ha muito tempo, dos romanistas, Diez, pelo menos, era conhecido de alguns deles.

A primeira menção, que me conste, das doutrinas de Diez em nosso país, se acha num opusculo publicado em 1869 no Rio de Janeiro pelo professor Carlos Hoefler.

O opusculo intitula-se: *Por que alterações e transformações passárão as letras da lingua latina quando delas se formou a lingua portuguesa?*

No prefácio diz Hoefler:

“No numero destes filologos (os que tem concorrido para o adiantamento da linguistica) tenho o Sr. Frederico Diez, o

qual com sua volumosa *Gramatica das linguas romanas* erigiu a si um monumento de sua vasta erudição linguística, facilitando extraordinariamente aos que entendem o idioma alemão o estudo profundo de qualquer lingua avulsa da familia romana, porque mostra sempre onde todas se assemelham e onde discrepam”. Depois de Hoefler, aparecem referencias a Diez nas mais importantes gramaticas publicadas de 1869 ao começo deste seculo.

Essas referencias quase só se limitam à questão do tritongo e ao infinitivo pessoal.

Julio Ribeiro, em sua gramatica publicada em 1881, calçada em moldes modernos, mui diferentes dos que apareciam até então, se refere às africadas *tch* e *dj* (pag. 11), aos tritongos (pag. 12) e ao infinitivo pessoal (pag. 278).

João Ribeiro, na sua, apela para Diez na questão do infinitivo pessoal (pag. 288 da 21.^a edição).

Alfredo Gomes também, quanto aos tritongos (pag. 14 da 18.^a edição).

Maximino Maciel quanto aos tritongos (pag. 15 da *Gramatica descritiva*).

Pacheco Junior e Lameira de Andrade, quanto ao infinitivo pessoal (pag. 70 da *Gramatica Portuguesa*).

Eduardo Carlos Pereira, quanto aos tritongos na pag. 11 da *Gramatica expositiva* e quanto ao infinitivo pessoal na pag. 39 da mesma e pag. 510 da *Gramatica historica*).

O nome de Diez vem à baila, já neste seculo, na polemica entre Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro.

Meyer-Lübke só veio a ser citado em obra de filologia, salvo erro, na tese de concurso com que o autor deste artigo se apresentou como candidato à cadeira de espanhol do Collegio Pedro II: *Um ensaio de fonetica diferencial luso-castelhana*, Rio, 1919.

Mais tarde, em 1932, o mesmo Meyer-Lübke, com o REW, forneceu ao autor do *Diccionario etimologico da lingua portuguesa* os elementos basicos das etimologias apontadas, as quais vinham acompanhadas dos vocabulos romanicos correspondentes em espanhol, italiano e francês.

Até a fundação das Faculdades de Filosofia, os nossos filólogos, em seus trabalhos, se limitavam a ir ao latim e, vez por outra, ao grego e isso mesmo mui timidamente (com exceção de Ramiz Gavão, o autor do precioso *Vocabulario*).

Não tinham visão romanica.

Hoje em dia, o panorama mudou muito.

Não ha mais especialista em lingua nenhuma, limitado a esta lingua a que se dedicou.

Por toda parte ha romanistas, dedicados com mais fervor geralmente à lingua materna.

São romanistas um Menédez Pidal, um Pierre Fouché, um Wartburg.

Felizmente essa orientação já se vai impondo em nosso país.

A camada de novos filólogos, posteriores à criação das Faculdades de Filosofia, revela em suas obras a indispensavel visão romanica.

É o que se nota em Aires da Mata Machado Filho, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Segismundo Spina, Wilton Cardoso, Mansur Guérios, Teodoro Maurer Júnior, Sílvio Edmundo Elia, Joaquim Mattoso Camara Junior e outros. Celso Cunha tem escrito: *O cancioneiro de João Zorro; aspectos linguisticos; texto critico; O cancioneiro de Martin Codax; O cancioneiro de Paay Gomez Charinho, trovador do século XIII; As fiindas das cantigas de Paay Gomez Charinho.*

O texto e a bibliografia destes trabalhos revelam, ao lado de solida cultura classica, cultura romanica especializada sobretudo em assuntos occitanicos.

Celso Cunha é, sem favor, o nosso maior medievalista, qualidade que já lhe tem sido reconhecida em congressos internacionais.

Serafim da Silva Neto, o caso mais estupendo que eu conheço, de precocidade filologica (aos dezoito anos publica o *Appendix Probi*, trabalho premiado pela Academia Brasileira de Letras!), é autor de numerosas obras, onde tambem texto e bibliografia mostram sua grande cultura filologica, a saber: *Ensaio de filologia portuguesa, Fontes do latim vul-*

gar; *O Appendix Probi*; *História do latim vulgar*; *Historia da lingua portuguesa*; *Introdução do estudo da filologia portuguesa*; *Manual de filologia portuguesa*.

Ocupou a cathedra de filologia romanica na Faculdade de Filosofia da Pontificia Universidade Catolica do Rio de Janeiro e na Faculdade Nacional de Filosofia, após brilhante concurso.

Segismundo Spina, formado pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, dedicou-se a assuntos medievals e publicou a *Apresentação da lirica trovadoresca*.

Teodoro Maurer J., catedrático de filologia romanica da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, é autor de uma tese de concurso sobre a *Unidade da Romania Ocidental* e uma *Gramatica do latim vulgar*.

Silvio Edmundo Elia escreveu *Orientações da linguistica moderna*, onde se patenteia a sua visão romanica.

O linguista Joaquim Mattoso Camara Jr., nos seus *Principios de linguistica geral* e em seus trabalhos sobre a fonologia portuguesa nunca deixa de lado o ponto de vista romanico.

Wilton Cardoso, em sua *Ditologia lexica*, revela-se um estudioso que recebeu em faculdade de filosofia a devida formação romanica.

No desempenho de minhas funções de professor de filologia romanica na Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras da Universidade do Estado da Guanabara, vi-me obrigado a publicar um trabalho de carater didatico, simples, modesto e desprezioso, os *Elementos de filologia romanica*. No prefacio expliquei a razão de ser da publicação:

Os compendios estrangeiros, alem de um tanto caros hoje em dia, são de aquisição difficil.

Os escritos em alemão ficam fora do alcance dos alunos, pois o alemão não é ensinado nos cursos de linguas classicas nem no de neolatinas.

Apontamentos de aula, esmo dactilografados e mimeo-

grafados, apresentam sempre certa precariedade, não preenchendo cabalmente seus fins.

Por isso, publiquei os *Elementos*.

Se não tiverem outro mérito, terão ao menos o de serem o primeiro compendio que sobre o assunto se publicou em nosso país”.

Entre os filólogos brasileiros de formação anterior à criação das faculdades de filosofia é de justiça salientar a figura do Rev. Pe. Augusto Magne, que foi o primeiro professor de filologia românica da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, que, entre outras obras, escreveu uma tese sobre os *Juramentos de Estrasburgo*, e deu uma edição crítica da *Demanda do Santo Graal*, enriquecida de notas e glossário. Organizado pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernaculas da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e sob o alto patrocínio do Sr. Ministro da Educação e Cultura e do Magnífico Reitor da citada Universidade, realizou-se no Rio de Janeiro, de 20 a 27 de Agosto de 1958, o primeiro Simposio Brasileiro de Filologia Romanica.

A sede do Simposio foi a referida Faculdade.

A mesa que dirigiu os trabalhos era assim constituída:

Presidente de honra: prof. Eremildo Luís Viana, diretor da Faculdade; Presidente: prof. Ernesto de Faria Junior, vice-diretor da Faculdade e chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernaculas; Secretários: prof. Antonio Houaiss, consul, e prof. Silvio Edmundo Elia, da Faculdade de Filosofia da Pontificia Universidade Catolica do Rio de Janeiro.

Participantes: Estrangeiros: Antonio Badía Margarit, da Universidade de Barcelona; Diego Catalán Menéndez Pidal, da Universidade de La Laguna; Eugenio Asensio, do Instituto Espanhol de Portugal; Francisco Heron de Alencar, leitor da Universidade de Paris; I. S. Révah, da *École des Hautes Études* da Universidade de Paris; José Gonçalo Herculano de Carvalho, da Universidade do Coimbra; Joseph M. Piel, da Universidade de Colonia; Luís Filipe Lindley Cintra, da Universidade de Lisboa; Manuel Alvar, da Universidade de Granada; Manuel Rodrigues Lapa, professor visi-

tante da Universidade do Brasil; Maria Adelaide do Vale Cintra, do Centro de Estudos Filologicos de Lisboa; Urbano Tavares Rodrigues, da Universidade de Lisboa; Vitorino Nemesio, da Universidade de Lisboa. — Nacionais: Aída Bianchini, da Universidade do Brasil; Aires da Mata Machado Filho, da Universidade de Minas Gerais; Albino de Bem Veiga, da Universidade do Rio Grande do Sul; Antenor Nascentes, da Universidade do Estado da Guanabara e do Estado do Rio de Janeiro; Antonio Joaquim de Figueiredo, do Colegio Militar do Rio de Janeiro; Antonio Houaiss, do Ministerio das Relações Exteriores; Antonio José Chediak, do ensino medio do Estado da Guanabara; Armando Tonioli, da Universidade de São Paulo; Asterio de Campos, do Instituto de Educação do Estado da Guanabara; Augusto Magne, da Universidade do Brasil; Candido Jucá Filho, da Academia de Filologia; Carlos Henrique da Rocha Lima, do Colegio Pedro II; Celso Ferreira da Cunha, do Colégio Pedro II e da Universidade do Brasil; Clovis Monteiro, da Universidade do Estado da Guanabara e da Pontificia Universidade Catolica do Rio de Janeiro; Ernesto de Faria Junior, da Universidade do Brasil e do ensino medio do Estado da Guanabara; Isaac Nicolau Salum, da Universidade de São Paulo; Ismael de Lima Coutinho, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; José Carlos Lisboa, da Universidade do Brasil e da Universidade de Minas Gerais; José Lourenço de Oliveira, da Universidade de Minas Gerais; Mauro Gomes Ferreira, do Colegio Militar do Rio de Janeiro; Nelson Rossi, da Universidade da Bahia; Newton Vasco da Gama, da Universidade da Bahia; Robertc Alvim Correia, da Universidade do Brasil; Serafim Ferreira da Silva Neto, da Universidade do Brasil, da Pontificia Universidade Catolica do Rio de Janeiro e do ensino medio do Estado da Guanabara; Silvio Julio de Albuquerque Lima, da Universidade do Brasil; Silvio Edmundo Elia, da Pontificia Universidade Catolica do Rio de Janeiro e do ensino medio do Estado da Guanabara; Teodoro Maurer Jr., da Universidade de São Paulo; Thiers Martins Moreira, da Universidade do Brasil; Wilton Cardoso, da Universidade de Minas Gerais.

A sessão inaugural foi a 20 de setembro.

Seguiram-se as sessões ordinarias nos dias 21, 22, 23, 25, 26 e 27.

Houve varias atividades de ordem social: almoço oferecido pelo Magnifico Reitor da Universidade do Brasil, excursão turistica pelos arredores da cidade do Rio de Janeiro, inauguração da “Exposição D. Ramón Menéndez Pidal”, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, recepção na Embaixada da Espanha. A sessão solene de encerramento foi no dia 27.

Trabalhos apresentados: *Estructura del léxico andaluz-El peón y la peonza*, do professor Manuel Alvar; *Como se repletam na universidade brasileira as atuais tendencias da filologia romanica*, do professor Aires da Mata Machado Filho; *A correção estilistica num poema de Gonzaga*, do professor Manuel Rodrigues Lapa; *Sobre alguns aspectos da recuperação fonetica*, do professor Antonio Houaiss; *Linguistica ou filologia romanica?*, do professor Silvio Edmundo Elia; *Os ditongos decrecentes ou e ei: esquema de um estudo sincronico e diacronico*, do professor Luís Filipe Lindley Cintra; *Formation des parlars judéo-espagnols des Balkans: comparaison avec la formation des parlars brésiliente*, do professor I. S. Révah; *A significação do emprego do infinito flexionado português para a solução do problema da sua origem*, do professor Teodoro Maurer Junior; *La lengua compañera del Imperio — Historia de una idea de Nebrija en España y Portugal*, do professor Eugenio Asensio; *Teixeira Gomes e a reação antinaturalista*, do professor Urbano Tavares Rodrigues; *Breve contribuição para um glossario de termos da linguagem militar no Brasil*, dos professores tenente-coronel Antonio Joaquim de Figueiredo e major Mauro Gomes Ferreira; *Génesis del español atlántico — Ondas varias a través del Océano*, do professor Diego Catalán Menéndez Pidal; *A categoria do pronome*, do professor Candido Jucá Filho; *A iotização de /lh/ em algumas localidades baianas*, do professor Nelson Rossi; *Linguistica e filologia*, do professor José Lourenço de Oliveira.

* * *

Como se vê, não ha muito que dizer acerca da filologia romanica no Brasil, o que não é de admirar, dado o pouco tempo em que ela vem sendo ensinada.